

A ARGUMENTAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA

LA ARGUMENTACIÓN EN EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN DE NIÑOS: UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

ARGUMENTS IN THE CHILD LITERACY PROCESS: A REVIEW OF THE LITERATURE

Lady Daiane Martins Ribeiro*

ladyfsp@yahoo.com

Fabírcia Teixeira Borges*

Fabricia.borges@gmail.com

Universidade de Brasília, Brasília/DF - Brasil

Resumo

Este artigo tem como finalidade analisar as produções científicas brasileira e internacional sobre argumentação no processo de alfabetização de crianças publicadas em cinco anos. Para isso, foi realizada uma pesquisa no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando-se dos critérios recomendados pela diretriz Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA), que resultou em um total de 18 artigos publicados entre os anos 2012 e 2017. Os resultados indicaram a presença da argumentação, como uma das formas elaboradas da linguagem, na produção de textos de crianças no processo de alfabetização. Verificou-se uma concentração de trabalhos que discutem argumentação pela apropriação da leitura e da escrita a partir da perspectiva sociocultural, possivelmente pela produção teórica consistente aos estudos da linguagem como prática social. Isso indica uma compreensão da argumentação como uma construção, mediante a interação verbal. Para avançar no estudo sobre a argumentação de crianças, sugerimos pesquisas que têm como ponto de partida a teoria histórico-cultural, que consideramos importantes para a análise da apropriação da linguagem na alfabetização de crianças.

PALAVRAS CHAVE: argumentação; alfabetização; linguagem; desenvolvimento infantil.

Resumen

Este artículo tiene como finalidad analizar la producción científica brasileña e internacional sobre argumentación en el proceso de alfabetización de niños. Para esto, se realizó una investigación en la plataforma de la Coordinación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando los criterios recomendados por la guía Elementos principales para informar revisiones sistemáticas y metaanálisis (PRISMA), donde se encontraron 18 artículos para análisis, publicados entre los años 2012 y a 2017. Los resultados indicaron la presencia de formas elaboradas del lenguaje como la argumentación en la producción de textos de niños en el proceso de alfabetización. Hubo una concentración de trabajos que discuten argumentos para la apropiación de la lectura y la escritura desde una perspectiva sociocultural, posiblemente debido a la una comprensión del argumento como una construcción, a través de la interacción verbal. Para avanzar en los estudios sobre argumentación sugerimos investigaciones que tenga la teoría histórico-cultural como punto de partida, que consideramos importantes para el análisis de la apropiación del lenguaje en la alfabetización de los niños.

PALABRAS CLAVE: argumentación; alfabetización; lenguaje; desarrollo infantil.

Abstract

This article aims to analyze the Brazilian and international scientific productions on argumentation in the literacy process of children published in five years. For this, a search was carried out on the journals portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), using the criteria recommended by the guideline Main Items for Reporting Systematic Reviews and Meta-analyses (PRISMA), which resulted in a total of 18 articles published between the years 2012 and 2017. The results indicated the presence of argument, as one of the elaborated forms of language, in the production of children's texts in the literacy process. There was a concentration of works that discuss argumentation for the appropriation of reading and writing from a sociocultural perspective, possibly due to the theoretical production consistent with language studies as a social practice. This indicates an understanding of the argument as a construction, through verbal interaction. To advance the study of children's argumentation, we suggest research in the area of historical-cultural theory, which we consider important for the analysis of language appropriation in children's literacy.

KEYWORDS: argumentation; literacy; language; child development.

1. Introdução

A argumentação é um processo constituinte da linguagem, que se desenvolve como um processo psicológico propiciando vivências, evidenciando aprendizagens e fomentando o desenvolvimento humano (BOVA E ARCIDIACONO, 2018; BANKS-LEITE, 1996; LEITÃO, 2007; PONTECORVO, AJELLO e ARCIDIACONO, 2005; VIGOTSKI, 2009). Ademais, a argumentação decorre de um processo dialógico, dinâmico, complexo e polifônico, a partir dos quais as crianças apropriam desse recurso cultural na manutenção e modificação dos significados e sentidos.

Acreditamos que é de suma importância compreendermos o desenvolvimento da argumentação de crianças, pela apropriação de formas elaboradas de linguagem como o discurso argumentativo (FIORIN, 2017; KOCH, 2011) na interação no ambiente escolar. Assim, nessa revisão sistemática da literatura evidenciamos os trabalhos que relacionam a argumentação de crianças com a alfabetização com o intuito de fornecer um panorama sistematizado do que vem sendo pesquisado sobre o tema em cinco anos.

O estudo delineou-se pela identificação dos resumos selecionados pelo banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal da Educação (CAPES), posteriormente pela seleção dos trabalhos que se encontrassem na condição de trabalhos completos e em consonância pelo tema da pesquisa (argumentação e alfabetização de crianças). Dessa forma, foram excluídos os trabalhos incompletos, entrevistas, relatos de experiência e pesquisas em que os participantes eram adultos e idosos.

A escolha dos trabalhos foi realizada tendo em vista as discussões teóricas da psicologia cultural e dialógica (BRUNER, 1997; VALSINER, 2017; VIGOTSKI, 2007; BAKHTIN, 2016; VOLÓCHINOV, 2017), que compreende os fenômenos humanos produzidos na interação social num movimento dialógico, em que o processo argumentativo, como parte da linguagem, atua diretamente sobre o pensamento e vice versa, considerando o pensamento em sua natureza verbal (BAKHTIN, 2016; BRAIT, 2006; FIORIN, 2015; MARKOVÁ, 2006; VOLOCHINÓV, 2017).

Nesse sentido, argumentação como constituinte do diálogo, está diretamente ligada à relação entre pensamento e linguagem. Essa relação se dá de maneira íntima e se processa em uma inter-relação em que um não se iguala ao outro, mas participam ativamente no desenvolvimento psíquico (VIGOTSKI, 2009). Como processo comunicacional, a linguagem funciona como uma ponte entre o mundo externo e as perspectivas internas do indivíduo (VALSINER, 2017). Mas, mais que isso a linguagem impera no pensamento humano, a ponto de torná-lo verbal e semiótico. Esse processo se dá principalmente pelo desenvolvimento da linguagem na materialidade da palavra.

Compreender a argumentação nessa perspectiva é utilizar a linguagem como mecanismo de

organização mental, advinda das ferramentas culturais e sociais num espaço de discussão que se constitui como uma prática social de interação em diferentes contextos. (PONTECORVO, AJELLO e ARCIDIACONO, 2005; SOARES, 2013).

Acreditamos que a alfabetização produz uma revolução interna, uma vez que articula o pensamento e a linguagem de uma nova forma, dando significados ao mundo e interferindo nele com outras formas comunicacionais, que não só a oral (KLEIMAN, 1995). E mais, compreendemos, tal qual Bakhtin (2016), Vigotski (2009) e Volóchinov (2017), o pensamento humano como sendo culturalmente organizado e que seus processos se constituem historicamente baseado nas relações sociais com os outros e o contexto social, e a leitura e a escrita como parte do desenvolvimento humano tanto na produção de ideias como na articulação das memórias coletivas, avança significativamente em seus aspectos semióticos. Desse modo, é no pensamento humano que o social e o pessoal encontram-se imbricados na cultura, a fim de produzir sentidos para si (internamente) e para o mundo (externamente) (VALSINER, 2017).

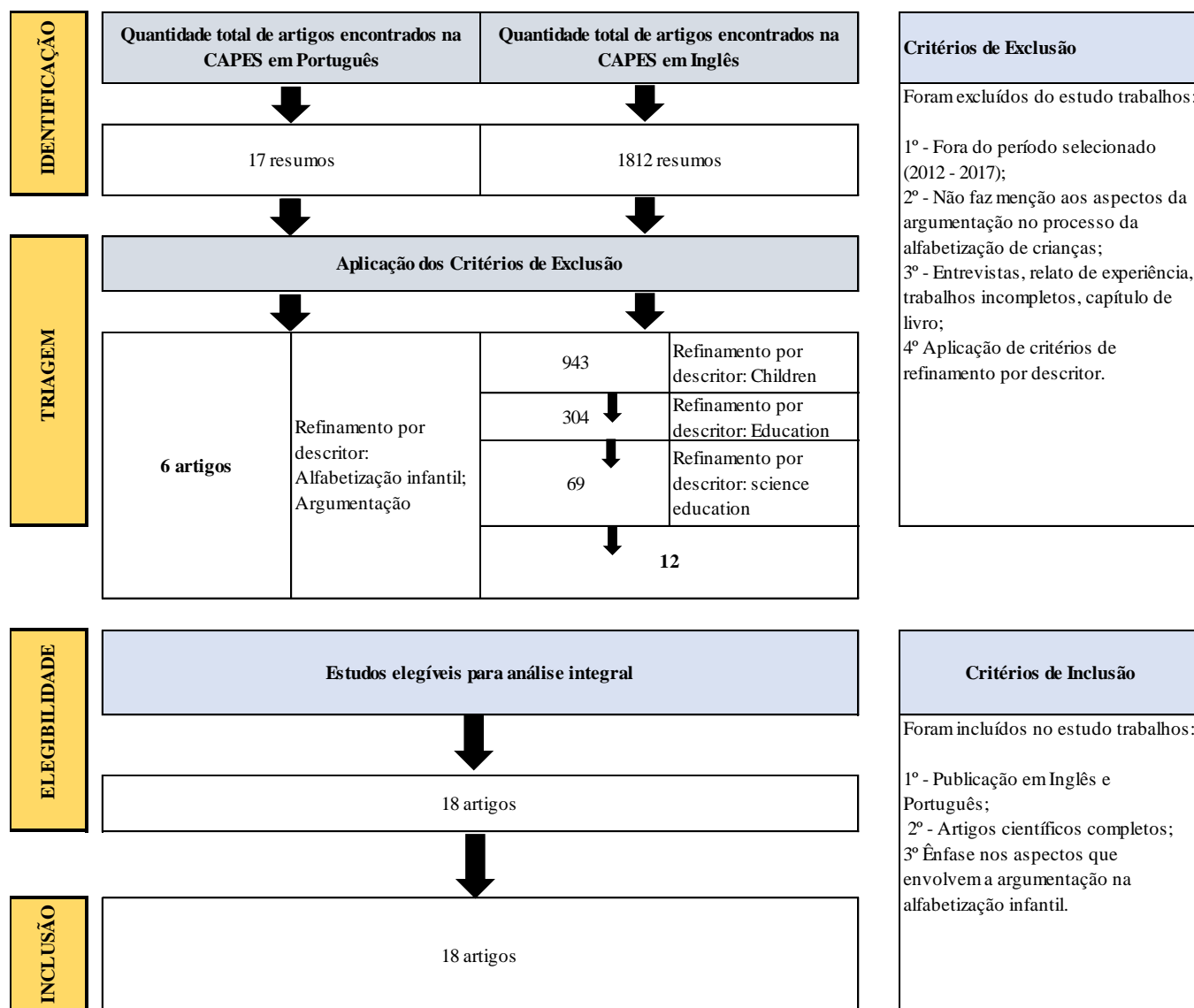
Por entendermos a importância da relação entre a argumentação de crianças e o processo de alfabetização que acreditamos salutar analisar os trabalhos científicos com intuito de evidenciarmos os assuntos que discorrem sobre esses temas e as lacunas que necessitam de maiores investigações para o avanço de pesquisas nesses campos. Ademais, salientamos que a argumentação deve estar presente nas discussões a respeito dos processos educacionais por ser uma estrutura potencializadora para o desenvolvimento das funções psicológicas da criança. Desse modo, pensar alfabetização da criança pela perspectiva da argumentação cultural e dialógica é relevante pelas mudanças e transformações semióticas do pensamento pela linguagem.

2. Metodologia

Foi realizado um levantamento dos trabalhos publicados entre 2012 e 2017 a respeito da argumentação no processo de alfabetização de crianças, mediante a busca online nas bases de dados da CAPES. Os descritores utilizados na busca foram: argumentação e alfabetização de crianças; alfabetização e infância; linguagem e alfabetização de crianças, com suas respectivas traduções na língua inglesa e tópicos refinadores: educação e alfabetização.

Para critério de seleção, utilizamos o instrumento PRISMA e, assim, foram delimitados os seguintes quesitos: (1) publicação entre 2012 e 2017, (2) publicações em português e em inglês, (3) trabalhos completos, (4) ênfase nos aspectos que envolvem a alfabetização, (5) foco específico sobre a argumentação em crianças em idade escolar na etapa da alfabetização. Conforme Tabela 1:

Tabela 1. Etapas de Avaliação de Seleção dos Trabalhos



Para análise foram incluídos artigos que apresentam dados sobre argumentação no processo de alfabetização. A busca inicial realizada nos periódicos CAPES ocorreu com os termos alfabetização de crianças e argumentação em português referente aos últimos cinco anos, com resultado de 17 artigos, dos quais foram selecionados seis para análise. Nesse processo, foram excluídos aqueles que não abordavam sobre alfabetização e argumentação com crianças.

Em seguida, os critérios adotados de busca foram os conceitos em inglês *literacy and argumentation*, com textos somente em língua inglesa e foram encontrados 1812 trabalhos. A partir dos dados coletados, realizamos o refinamento pelas palavras-chave acrescentando o termo *children*, encontrando 943 trabalhos. Diante dessa quantidade, refinamos pelo tópico *education*, com resultado de 304 trabalhos. Depois de feito isso, incluímos na busca o termo *literacy*, para que estivesse no título dos artigos, e refinamos pelo tópico *science education*, de modo que foram encontrados 69 artigos, dentre os quais 12 foram analisados. Os 57 artigos excluídos apresentavam pesquisas que se referiam à alfabetização ligada a aspectos específicos como: estudos a respeito da necessidade de conscientização sobre aquecimento global; estudo sobre alfabetização genética; sobre desenvolvimento sustentável; relato de experiência sobre alfabetização científica midiática. Os outros trabalhos foram excluídos devido a: ser entrevista; se tratar de estudos cujos participantes eram adolescentes do ensino médio; ter participantes que eram adultos e idosos; serem trabalhos incompletos e que não trataram diretamente da proposta da

revisão. Assim, ao final das buscas foram selecionados para análise 18 artigos.

A verificação dos trabalhos foi feita pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011) com leituras e anotações sistematizadas referentes ao foco do estudo. Foram estabelecidas como categorias temáticas: tema, referencial teórico, objetivos, metodologias, resultados e discussão. Com os trabalhos que atendiam a esses parâmetros, foram realizadas leituras e em seguida uma análise descritiva referente às temáticas selecionadas. Foram excluídos os trabalhos que não apresentavam a alfabetização de crianças na descrição do resumo, assim como aqueles que, na leitura dos trabalhos completos, não apresentavam aspectos de pesquisas sobre alfabetização com crianças com foco na argumentação. Em seguida, os estudos foram agrupados pela similaridade ou diferença de seus temas.

3. Resultados e discussões

Foram selecionados para análise 18 artigos que atendiam à estrutura com as seguintes categorias: referencial teórico, objetivos, participantes, metodologia e resultados.

Os participantes das pesquisas são crianças em período de alfabetização cujas idades variam entre 7 e 10 anos. Em relação ao gênero, os estudos apresentam participação de ambos os sexos. Foi observada uma predominância de assuntos referentes à leitura e à escrita de crianças. Dos 18 trabalhos, 12 são da área da educação (ARAUJO, 2016; CHAGAS e DOMINGUES, 2015; CYRANKA e MAGALHÃES, 2012; GIOVANI, 2013; GOMES, 2016; GONÇALVES, 2013; GONTIJO, 2013; GONZALÉZ e MELLO, 2016; ROCHA e BISSOLI, 2016; NETO, XAVIER e SANTOS, 2013; SANTANA, 2016; TANG, 2016), dois são da área da linguagem (CAPRISTANO e OLIVEIRA, 2014; LOPES-DAMASIO, 2016) e quatro são da área de ciências primárias (HAND, 2017; SHAW, LYON, STODDART, MOSQUEDA e MENON, 2014; VIEIRA e VIEIRA, 2016; WILHITE, 2017).

No que se refere ao referencial teórico, quatro estudos se inscrevem na Teoria Dialógica da Linguagem de Mikhail Bakhtin, discutindo conceitos específicos como: gêneros discursivos (CAPRISTANO e OLIVEIRA, 2014; GIOVANI, 2013), enunciação (GONÇALVES, 2013), e interação (CYRANKA e MAGALHAES, 2012). Nessa mesma linha de pensamento, os trabalhos de Lopes-Damasio (2016) e Gomes (2014) investigam a constituição heterogênea da linguagem e o processo de autoria de textos infantis.

A respeito da Teoria Histórico-Cultural pela perspectiva de Vigotski, quatro trabalhos (HAND, 2017; GONÇALVES, 2013; GONZÁLEZ e MELLO, 2016; ROCHA e BISSOLI, 2016) apresentam discussões a respeito da apropriação da escrita, estratégia de ensino, pensamento e linguagem infantil, processos conceituais cotidianos e não-cotidianos.

O trabalho de Chagas e Domingues (2015) se orienta pelo olhar da Teoria das Narrativas Literárias, tendo a literatura como instrumento para formação da escrita. Seis trabalhos (NETO et al., 2013; SANTANA, 2016; SHAW et al., 2014; TANG, 2016; VIEIRA e VIEIRA, 2016; WILHITE, 2017) utilizam a concepção de alfabetização científica, a fim de avaliar o nível de leitura e escrita de crianças, pela compreensão de letramento medido estatisticamente. O trabalho de Gontijo (2013) analisou as políticas de alfabetização infantil pelas orientações formuladas pelo Ministério da Educação mediante documentos oficiais.

Quanto aos objetivos, os trabalhos evidenciam ênfase no processo de argumentação na alfabetização focalizando os aspectos que envolvem apropriação da linguagem oral e escrita. Giovani (2013) e Capristano e Oliveira (2014) destacam a interação da criança em diferentes tipos de textos antes mesmo do seu ingresso na escola, ou seja, a criança desde o nascimento se insere no mundo social, tendo o contato com as formas da língua muito cedo. Por outro lado, Santana (2016) e Neto et al. (2013) focam na apropriação da linguagem pelo uso padrão da língua, podendo ser mensurável pelo uso de avaliações que quantificam os níveis de apropriação do vocabulário.

Tang (2016) e Shaw et al. (2014) analisam a participação de professores alfabetizadores da língua inglesa em projetos preparatórios que auxiliam na elaboração do currículo para conseguir melhores resultados na escrita e no vocabulário dos alunos. Vieira e Vieira (2016) e Wilhite (2017) demonstram a

necessidade de promover uma alfabetização científica, com a justificativa de que é necessário incluir, desde os anos iniciais da criança na escola, instrumentos, medidas, parâmetros científicos que orientem suas ações cotidianas. Essas pesquisas destacam a importância de a escola levar em consideração o conhecimento local na preparação dos currículos, pois, ao reconhecer o contexto, a escola pode promover a capacidade de pensar crítica e flexivelmente em vários domínios do conhecimento.

A respeito das metodologias utilizadas encontramos cinco são artigos teóricos (ARAÚJO, 2016; CHAGAS e DOMINGUES, 2015; GONZALEZ e MELLO, 2016; HAND, 2017; ROCHA e BISSOLI, 2016) e cinco são artigos empíricos, que utilizaram como instrumento atividades de produção de textos (CAPRISTANO e OLIVEIRA, 2014; GIOVANI, 2013; GOMES, 2014; LOPES-DAMASIO, 2016; TANG, 2016), três pesquisas que utilizaram entrevistas semi-estruturadas (GOLÇALVES, 2013; SANTANA, 2016; WILHITE, 2017); uma pesquisa documental (GONTIJO, 2013), duas pesquisa-ação (CYRANKA e MAGALHÃES, 2012; VIEIRA e VIEIRA, 2016) e duas pesquisas com uso de instrumento padronizado (NETO et al., 2013; SHAW et al., 2014).

Sobre os resultados e discussão, os trabalhos utilizaram categorias de análise referentes aos objetivos propostos. Todos os trabalhos realizaram interpretações de acordo com suas propostas teóricas e metodológicas e sinalizam a importância do processo de alfabetização na produção de argumentos pelo desenvolvimento da linguagem oral e escrita na formação da criança. Apontam ainda a necessidade de se ter instrumentos de aprendizagens que levem em conta os aspectos sociais e conhecimentos já aprendidos. Os trabalhos sinalizam a importância da alfabetização como processo de aprendizagem que contempla as várias formas de abordar a linguagem oral e escrita, seja pelos diferentes tipos de produção textual, seja pela brincadeira, pelo desenho.

Após a leitura dos textos completos, os artigos foram separados por área temática, o que pode ser observado na tabela 2:

Tabela 2. Artigos por Temática

Base de dados	Leitura e escrita	Letramento	Produção textual	Gerais
CAPES	8	6	2	2

Sobre a temática leitura e escrita, oito trabalhos utilizaram esses temas com aproximações entre linguagem escrita e formação da criança leitora. Dentre os outros 10 estudos restantes, seis discutem o processo de letramento, dois a respeito da produção de textos e por fim dois relacionados a aspectos gerais sobre alfabetização. A partir dessa organização, pudemos estabelecer uma análise da seguinte maneira:

3.1. Leitura e escrita no processo argumentativo

Hand (2017), González e Mello (2016) e Giovani (2013) Rocha e Bissoli (2016) apresentam pesquisas que fundamentam seus argumentos na perspectiva da Teoria Histórico-cultural, cuja concepção de escrita parte do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem escrita é uma linha divisória do desenvolvimento humano, porque está relacionado aos processos de desenvolvimento históricos culturais ao longo da história humana. González e Mello (2016) discutem a importância e a necessidade do pensamento conceitual da criança pequena, enfatizando o processo dialético que permeia o pensamento e a linguagem. Os autores compreendem a linguagem escrita e a leitura como aquisições humanas que vão além da apropriação do alfabeto.

Nesse sentido, a linguagem escrita tem a função de formar e desenvolver o pensamento da criança, modificando consideravelmente sua inserção na sociedade. A pesquisa de Gonçalves (2013) demonstrou que crianças com o aprendizado da leitura e da escrita na alfabetização modificam consideravelmente seu modo de pensar e de dizer e conseqüentemente seu posicionamento no mundo. O autor realizou atividades com 21 crianças, numa escola pública federal no estado do Rio de Janeiro, os resultados apontaram para um desenvolvimento da fala e do pensamento das crianças pela inserção de interações discursivas na sala de aula.

O aprendizado da leitura e da escrita ultrapassa uma formalização padrão da língua e modifica a estrutura psicológica da criança. Isso pode ser realizado pela leitura de textos literários, como a literatura infantil, que para Chagas e Domingues (2015) é importante no processo de alfabetização, constituindo-se como uma ferramenta de conhecimento oral e escrito. A leitura literária é relevante pelas diversas formas verbais e não verbais de compreensão do mundo, pelas a interpretação de palavras, como construção do pensamento, pelas palavras do outro, na atribuição de sentidos aos significados partilhados socialmente.

Giovani (2013) focaliza a argumentação no processo de apropriação da escrita infantil e sinaliza a importância do ensino precoce da argumentação na escola. Para o autor, argumentar é um tipo de discurso e que para isso é necessário situações controversas, opostas, contraditórias, a fim de que ocorra uma posição comunicativa explícita, pois o locutor, ao tomar uma posição, se coloca a favor ou contra à posição de seu interlocutor. E as crianças em fase de apropriação da escrita são capazes de produzir diversos tipos de textos, inclusive de formas mais complexas, como o de argumentar.

O estudo realizado por Capristano e Oliveira (2014) parte da concepção bakhtiniana sobre gêneros do discurso, para a qual os diferentes tipos de enunciados possuem uma relativa estabilidade para serem compreendidos e direcionados a um destinatário. Os autores analisaram sete enunciados produzidos por crianças em período de alfabetização, disponíveis em um banco de dados do Grupo de Pesquisa “Estudos da Linguagem”. As reflexões indicaram que os enunciados nos escritos infantis apresentam vínculos com outros enunciados, demonstrando uma capacidade escrevente de negociar e de endereçamento do seu dizer.

Rocha e Bissoli (2016) fazem uma análise crítica sobre a formação de professores, a qual deve contemplar apropriação da leitura e da escrita como instrumento cultural complexo, que resulta em processos de desenvolvimento de funções psicológicas superiores. Os autores enfatizam que na formação docente é necessário refletir sobre o ensino do pensamento conceitual, como parte de direito de toda a alfabetização.

Com o intuito de mensurar quantitativamente a leitura e a escrita, Neto et al. (2013) utilizam de dados estatísticos e de instrumentos de medidas para avaliarem o nível de compreensão e de domínio da leitura e da escrita das crianças. Os autores apresentam um estudo empírico sobre a caracterização do desempenho escolar de leitura e escrita, por meio de instrumento de medida padronizado para obtenção de dados sobre a capacidade de escrever de forma legível e compreensível um pequeno texto. Nesse estudo, os escritores identificaram um desempenho abaixo do esperado para o nível de escolarização das crianças na fase inicial da alfabetização. Uma das justificativas para esse dado refere-se a fatores biológicos, familiares, pedagógicos e psicossociais.

3.2. Letramento

Nesta temática, estão as pesquisas de Araujo (2016), Lopes-Damasio (2016), Santana (2016), Shaw et al (2014), Vieira e Vieira (2016) e Wilhite (2017).

Lopes-Damasio (2016) ao investigar a relação das construções paratáticas justapostas e seu contexto discursivo, em associação com as propriedades prosódicas, morfossintáticas e semânticas, afirma que além do próprio processo de codificação e decodificação, uma relação dialógica da oralidade já circula nas práticas sociais orais e letradas. O autor enfatiza que a aquisição/aprendizagem da escrita não se constitui unicamente como sistema de normas linguísticas, mas como formulação de enunciados. Essa premissa trata-se de um processo de representações ligadas ao modo de falar/escrever de maneira ampla e de natureza sócio-histórica.

Ao tratar o letramento como prática sociodiscursiva, Araujo (2016) argumenta que a criança entra em contato com a linguagem oral e escrita, antes do aprendizado formal, portanto, o entendimento desse processo é pela via da enunciação, a partir das manifestações singulares do sujeito, que não se realiza sem a representação do outro/leitor/destinatário. Essa posição amplia a concepção da aprendizagem da escrita unicamente enquanto sistema e norma, mas compreende esses processos em relação às tradições de falar/escrever, tomadas como parâmetros para formulação de enunciados. Essa adoção de um letramento

sociodiscursivo e o foco no aprendizado da criança leva à reflexão da língua, especialmente sobre sua dimensão sonora, em contextos lúdicos e/ou letrados envolvendo brincadeiras com a linguagem. Shaw et al. (2014) sinalizam a importância da preparação do professor alfabetizador iniciante. Os autores apresentam escores significativos de avanços de leitura, escrita e aquisição de vocabulário do aluno, quando o professor prepara atividades em sala de aula que contemplem as necessidades culturais da comunidade educacional.

Nessa mesma concepção, a pesquisa de Wilhite (2017) demonstra a importância do conhecimento local a fim de promover saltos significativos de aprendizagens múltiplas (fala, leitura e escrita). O autor enfatiza a necessidade de preparação de atividades de sala de aula que contemplem o local no qual o aluno está inserido e cita um exemplo de que crianças que moram em áreas costeiras que podem ler sobre as costas, depois de investigar sobre o litoral, coletar elementos próprios dessa região na areia e posteriormente escrever textos.

Santana (2013) e Vieira e Vieira (2016) utilizam os termos alfabetização científica e pensamento crítico para discutirem a necessidade de uma educação científica que prepare os alunos para serem cidadãos responsáveis em um mundo cada vez mais afetado pela ciência e pela tecnologia.

3.3. Produção textual

Discutindo sobre alfabetização e produção de textos, Gomes (2014) buscou identificar os movimentos de aprendizagem que fazem com que o alfabetizando se desloque de uma posição menos autônoma em relação a sua própria escrita para uma autonomia. Ao investigar trabalhos feitos em sala de aula, a autora identificou que as crianças, desde muito cedo, são capazes de construir argumentos, elaborar textos significativos e grafar palavras. Esse tipo de texto possibilita perceber a exploração de elementos textuais que a criança faz na tentativa de compreender a natureza da escrita e de poder escrever textos, bem antes de dominar as convenções da escrita. A autora relata um estudo com duas crianças de uma Tuma de 1º ano de Ensino Fundamental, realizado durante sete meses, que propôs às crianças que produzissem textos semanalmente a partir de histórias narradas ou lidas. Utilizando o exercício de escrita espontânea, a pesquisadora permitia que as crianças experimentassem escrever as palavras como elas entendem, sem se preocupar nesse primeiro momento com as regras e normas ortográficas da língua. A escrita espontânea detecta o que o aluno sabe e o que não sabe, ao passo que uma escrita dirigida pode revelar apenas se um aluno decorou ou não a grafia das palavras (Gomes, 2014). Nesse sentido, o trabalho discute sobre a presença de gestos de autoria evidenciados ao longo das produções de texto dos participantes da pesquisa.

Cyranka e Magalhães (2012), por sua vez, apresentam reflexões sobre produção de textos orais com alunos do ensino fundamental na aprendizagem da língua portuguesa. A pesquisa foi desenvolvida com objetivo de proporcionar aos alunos o aprendizado de diferentes práticas discursivas na modalidade oral. Num primeiro momento os pesquisadores propuseram exercícios de oralidade: tom de voz, entonação, velocidade da fala, expressão corporal e facial em seguida, atividades relacionadas à leitura oral e à apresentação em público, a fim de que os participantes percebessem as características primárias da oralidade.

De acordo com Cyranka e Magalhães (2012), é importante introduzir no ambiente escolar um ponto de vista da educação sociolinguística, em que o aluno será visto pelo que sabe e as práticas de letramento (leitura e escrita) são ampliadas na direção das práticas sociais. A pesquisa evidenciou que é necessário que a escola, no ensino de língua portuguesa, busque desenvolver atividades de produções de textos orais para que os falantes tenham competências de qualquer variedade linguística.

3.4. Em busca de novas pesquisas sobre a argumentação em processo de alfabetização de crianças

A revisão de artigos científicos nacionais e internacionais sobre argumentação evidenciou que os estudos sobre o desenvolvimento do processo de alfabetização são realizados em vários países, sendo reconhecidos pelos pesquisadores como eficazes para a compreensão da complexidade que envolve

apropriação da linguagem oral e escrita, evitando reducionismos na compreensão da alfabetização como um período exclusivamente da apropriação da oralidade e escrita formal padronizada (ARAUJO, 2016; CAPRISTANO e OLIVEIRA, 2014; CHAGAS e DOMINGUES, 2015; CYRANKA e MAGALHÃES, 2012; GIOVANI, 2013; GOMES, 2014; GONÇALVES, 2013; GONTIJO, 2013; GONZALEZ e MELLO, 2016; ROCHA e BISSOLI, 2016).

Percebemos uma concentração de artigos que discutem argumentação pela apropriação da leitura e da escrita a partir da perspectiva sociocultural (VIGOTSKI, 2008) e dialógica (BAKHTIN, 2016), possivelmente pela produção teórica consistente aos estudos da linguagem como prática social. Além disso, constatamos o interesse em diferentes áreas por esse tema, como a pedagogia, a matemática, a psicologia, os estudos da linguagem, ciências primárias, filosofia, assim como estudos em diferentes métodos, objetivos e análises.

Em dois textos da revisão Giovani (2013) e Gonzalez e Mello (2016), percebemos que argumentação advém da interação social. Nesse sentido, pela interação social, a criança aprende formas elaboradas do discurso e faz uso da linguagem de acordo com sua necessidade. Por isso, entendemos que a criança em processo de alfabetização é capaz de escrever histórias, relatos, notícias, anúncios, considerados estilos de textos complexos, utilizando a ordem de argumentar.

Salientamos a linguagem escrita discutida no estudo de Gonçalves (2013), que, em sua pesquisa com criança em período de alfabetização, evidencia que, pela linguagem escrita, a criança passa por mudanças profundas e de qualidade nos processos de desenvolvimento e de formação do pensamento conceitual, fundamental para a reorganização do seu sistema intersubjetivo da sua conduta e da sua própria constituição de si.

Consideramos altamente pertinente o entendimento da argumentação como base para produção de textos de opinião. Os trabalhos de Giovani (2013), Gomes (2014) e Cyranka e Magalhães (2012), com crianças em processos de alfabetização, demonstram produções textuais de opinião a partir das interações realizadas na sala de aula, no que evidencia a relação das crianças com seu interlocutor, a quem é dirigido o texto. Assim, as pesquisas concebem a produção de argumentos como uma construção, mediante a interação verbal. As crianças argumentam de um lugar, como sujeitas de seu dizer, cujos enunciados são dirigidos a elas mesmas ou a algum destinatário.

Nessa mesma direção, Araujo (2016) e Capistrano e Oliveira (2014) enfatizam que as crianças escrevem por antecipação a outro/destinatário de modo que as escolhas enunciativas são de acordo com as diferentes representações de tipos relativamente estáveis de enunciados. Nesse trabalho, os autores analisaram a produção textual de crianças em processo de alfabetização, e perceberam que para a produção de enunciados escritos as crianças precisam negociar com outros destinatários que os constituem e determinam os enunciados escritos que produzem. Elas não se dirigem a um único destinatário, mas são afetadas ao mesmo tempo por diferentes endereçamentos (escola, professor, ela mesma).

Os estudos demonstraram que se faz necessária a compreensão da inserção da criança nas práticas da linguagem levando em consideração seu ambiente histórico-cultural, a fim de entender a linguagem pela formulação de enunciados (CAPRISTANO e OLIVEIRA, 2014; GIOVANI, 2013; HAND, 2017; LOPES-DAMASIO, 2016, WILHITE, 2017). Entendemos tal como Bakhtin (2014) as palavras não somente como meros traços fonéticos, gramaticais e lexicais que garantem a unicidade da língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma sociedade, elas são imbricadas de significados ideológicos e que dizem respeito a certo grupo social e cultural num determinado tempo histórico. Assim, concordamos que ao apropriar da língua pelo enunciado é pensar na unidade concreta repleta de significados, que produz diferentes sentidos ao ser orientado a um interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017).

Desse modo, a língua não é estática, inflexível, composta somente por estruturas lexicais, fonéticas, gramáticas (NETO et al., 2013; SANTANA, 2016), mas reflete todos os conflitos de classe, e as mudanças que se dão na linguagem aparecem como um reflexo das mudanças ideológicas em uma dada sociedade.

Destacamos que os trabalhos apontam a necessidade de repensar as orientações pedagógicas e curriculares que norteiam as diretrizes da alfabetização (ROCHA e BISSOLI, 2016; SHAW et al, 2014; TANG, 2016; VIEIRA e VIEIRA, 2016). Os documentos oficiais norteadores ainda se orientam para um

trabalho simplesmente silábico, fonológico, justificado pela carência das crianças das classes populares, em que supostamente elas chegam à escola sem ter consciência das unidades fonológicas essenciais para aquisição do sistema alfabético de escrita (CHAGAS e DOMINGUES, 2015; GONTIJO, 2013).

Acreditamos que é necessária a problematização sobre o papel da argumentação em práticas alfabetizadoras em que a linguagem é tratada somente pela aquisição da norma e técnica, não levando em consideração os aspectos de produção cultural e social.

4. Conclusão

Considerando-se o objetivo da revisão, os artigos trazem contribuições para a compreensão da argumentação na fase da alfabetização infantil na contemporaneidade, com pesquisas que buscam entender as dinâmicas e os processos que circundam seu desenvolvimento. Além disso, pela análise da produção científica dos temas, foi possível verificar suas potencialidades e suas lacunas.

Percebemos que ao identificar os trabalhos científicos sobre argumentação e alfabetização de crianças, essa revisão se faz necessária uma vez que, pelo resultado da pesquisa, os textos encontrados são incipientes na relação entre argumentação e alfabetização de crianças, mostrando que há uma necessidade em discutir a respeito do processo de alfabetização em relação a argumentação, de modo que a discussão aponta para um vasto campo para a realização de estudo sobre esses temas.

É importante mencionar que essa revisão envolveu apenas artigos oriundos da base de dados dos periódicos CAPES, outras pesquisas podem utilizar outras bases de dados e formatos de textos como teses, resenhas e livros.

Relacionar argumentação e alfabetização parte do entendimento de que os recursos necessários para a argumentação são advindos da interação social, em que a escola é um lugar de destaque para esse acontecimento. Ademais, entendemos que a alfabetização é um momento de apropriação de um modo de linguagem e de pensamento verbal pelo viés cultural e dialógico.

Concluimos que com essa revisão a argumentação aparece de maneira incipiente enquanto um conceito sistematizado da linguagem e do pensamento. Entretanto, também percebemos as pesquisas em que a argumentação é tratada, pela via da interação social, como espaço de desenvolvimento do modo de pensar humano. Desse modo, veicular argumentação e alfabetização, requer pensarmos os processos educacionais como promotores de desenvolvimento infantil.

Referências

Amossy, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

Araujo, L. C. Brincar com a linguagem: Educação infantil “rima” com alfabetização. **Revista Ibero-Americana de Estudos da Educação**, 11(4), p. 2325-2343, 2016 doi: 10.21723/riaee.v11n.esp4.9196

Bakhtin, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

Banks-Leite, L. **Aspectos argumentativos e polifônicos da linguagem da criança em idade pré-escolar** (Tese de doutorado) Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1996.

Bova, A, e Arcidiacono, F. Types of conclusion for argumentative discussions between adults and children. **Progress in Education**, 53, p. 135-160, 2018. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3415412

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Brait, B. **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

Bruner, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Capristano, C. C., e Oliveira, E. C. Escrita infantil: A circulação da criança por representações sobre gêneros discursivos. **Alfa**, 58(2), p. 347-370, 2014. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5433>

Chagas, L. M. M., e Domingues. A literatura infantil na alfabetização: A formação da criança leitora. **Perspectiva**, 33, p. 77-95, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/38037>

Cyranka, L. F., e Magalhães, T. G. O trabalho com a oralidade/variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa. **Veredas**, 16, p. 59-74, 2012. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/4>

Faigenbaum, G. Desenvolvimento das habilidades argumentativas. In J.A. Castorina e M. Carretero (Eds), **Desenvolvimento Cognitivo e educação** (pp. 273-294). Porto Alegre: Artmed, 2014.

Fiorin, J. L. **Argumentação**. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

Giovani, F. A argumentação na apropriação da escrita. **Revista Eletrônica de Educação**, 7, p. 290-309, 2013. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc>

Gomes, A. L. A. Alfabetização e produção de textos. **Revista Eventos Pedagógicos**, 7(2), p. 651-679, 2016. Disponível em: <http://www.sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

Gonçalves, A. V. Alfabetização: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita. **Cedes**, 33(89), p. 125-140, 2013. doi:10.1590/S0101-32622013000100008

Gontijo, C. M. M. Alfabetização no ciclo inicial do ensino fundamental de nove anos: Reflexões sobre as proposições do Ministério da Educação. **Cedes**, 33(89), p. 35-49, 2013. doi:10.1590/S0101-3262201300010003

Gonzalez, A. G. G., e Mello, M. A. Considerações sobre o processo de apropriação da linguagem escrita na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Estudos da Educação**, 11(2), p. 2306-2324, 2016. doi:10.21723/riace.v.esp4.9196

Hand, B. Exploring the role of writing in science: A25-year journey. **Literacy Learning: the Middle Years**, 25(3), p. 16-23, 2017.

Kleiman, Â. **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1995.

Lopes- Damasio, L. R. Towards a linguistic-discursive approach for clause juxtaposition in brazilian portuguese: orality and writing in literacy practices. **Alfa**, 60(2), p. 287-317, 2016. doi:10.1590/1981-5794-1608-3

Koch, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

Leitão, S. Argumentação e Desenvolvimento do Pensamento Reflexivo. **Psicologia Reflexão e crítica**, 20(3), p. 454-462, 2007. doi: 10.1590/S0102-79722007000300013

Marková, I. **Dialogicidade e representações sociais**. São Paulo: Vozes, 2006.

Monher, D., Liberati, A., e Altmand, D. G. Principais itens para relatar revisões sistemáticas e meta-análises: A recomendação Prisma. **Epidemiologia Serviço Saúde**, 24(2), p. 335-342, 2015. doi:10.5123/S1679-497420150002000017

Neto, R., F., Xavier, R. F. C., e Santos, A. P. M. Caracterização da leitura e escrita. **Cefac**, 15(6), p. 1643-1653, 2013. doi:10.1590/S1516-18462013005000013

Pontecorvo, C., Ajello, A. M., e Zucchermaglio, C. **Discutindo se aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Rocha, S. C., e Bissoli, M. F. Desafios da formação de professores alfabetizadores: Em busca da apropriação da linguagem escrita como desenvolvimento humano. **Revista Ibero-Americana de Estudos da Educação**, 11(4), p. 2306-2324, 2016. doi:10.21723/riaee.v11n.esp4.9196

Santana, M. de S. Traduzindo Pensamento e Letramento Estatístico em Atividades para Sala de Aula: Construção de um produto educacional. **Bolema**, 30(56), p. 1165-1187, 2016. doi:10.1590/1980-4415v30n56a17

Shaw, J., Lyon, E., Stoddart, T., Mosqueda, E., e Menon, P. Improving science and literacy learning for English language learners: evidence from a pre-service teacher preparation intervention. **Teacher Education**, 25, p. 621-643, 2014. doi:10.1007/s10972-0139376-6

Soares, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2013.

Tang, K. S. How is disciplinary literacy addressed in the science classroom? A Singaporean case study. **Australian Journal of language na literacy**, 39(3), p. 220-232, 2016.

Valsiner, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural**. Mundos da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2017.

Vieira, R. M., e Vieira, C. T. Fostering scientific literacy and critical thinking in elementary science education. **Sci and Math Education**, 14, p. 659-680, 2016.

Vigotski, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Volóchinov, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Wilhite, Z. B. A rights-based approach to science literacy using local languages: Contextualizing inquiry based learning in Africa. **Education Magazine**, 63, p. 381-401, 2017 doi:10.1007/s11159-017-9644-3

Recebido em: 05/05/2020

Aceito em: 15/06/2020

Endereço para correspondência:

Nome Lady Daiana Martins Ribeiro

Email: ladyfsp@yahoo.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)